



Esther Vaz Saldanha

**Trajatória Formativa Docente a Partir do Estágio Supervisionado: Relato Reflexivo de
uma Futura Professora de Ciências e Biologia**

**LAVRAS-MG
2023**

Esther Vaz Saldanha

**Trajétoria Formativa Docente a Partir do Estágio Supervisionado: Relato Reflexivo de
uma Futura Professora de Ciências e Biologia**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Ciências Biológicas, para a obtenção do título de Licenciada.

Profa. Dra. Marina Battistetti Festozo
Orientadora

**LAVRAS-MG
2023**

Esther Vaz Saldanha

**Trajétoria Formativa Docente a Partir do Estágio Supervisionado: Relato Reflexivo de
uma Futura Professora de Ciências e Biologia**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Ciências Biológicas, para a obtenção do título de Licenciada.

APROVADA em 26 de Julho de 2023
Profa. Dra. Marina Battistetti Festozo
Profa. Msc. Andreísa Selvati
Msc. Ricardo Campos Queixas

Profa. Dra. Marina Battistetti Festozo
Orientadora

**LAVRAS-MG
2023**

Agradecimentos

Em primeiríssimo lugar agradeço aos meus filhos Joaquim e Catharina, fásca e combustível para a minha prática diária de docência, paciência, vitalidade e potência. Nem um só segundo me permitiram desistir de tudo.

Não menos importante, agradeço de todo o coração àqueles que de alguma forma não me permitiram caminhar na solidão, que me ensinaram e me ampararam nos mais diversos contextos ao longo dessa jornada: meus pais Lisete e Vicente, meu companheiro Mateus, minha orientadora Marina, meu “coorientador do coração” Marquinhos, meus supervisores, as escolas que estagiei, as “tias da cantina” e todas e todos os estudantes com os quais tive a oportunidade de trocar saberes.

Resumo

A experiência de estágio, ofertada nos cursos de graduação-licenciatura é de suma importância em toda a trajetória acadêmica de formação de professores, porque é nela que se sintetiza, numa relação teoria e prática, boa parte do conteúdo e reflexões realizadas ao longo dos anos de graduação. As teorias e propostas de pesquisadores amplamente estudados e debatidos nos encontros de estágio aqui em destaque, como por exemplo Dermeval Saviani e Selma Garrido Pimenta se fazem presentes em diferentes momentos vivenciados, se tornando palpáveis, possibilitando ampliação da compreensão a respeito do contexto escolar e seu cotidiano como sala de aula, estudantes, corpo docente, funcionários e estrutura física da escola. Considerando estas questões, este Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, apresenta a experiência de quatro períodos de estágio em três escolas diferentes, buscando discutir a dinâmica entre as teorias e as práticas e consequentemente, reflexões e problematizações que complementam a formação de professores. Tem como objetivo trazer um relato sobre a observação crítico-reflexiva de como a prática do estágio é capaz de enriquecer a formação do discente do curso de licenciatura, aprimorando o exercício da educação pautado em uma visão teórico-prática, destacando as dimensões ética, sensível, social e política. O propósito perpassa também pelo entendimento do papel cidadão do professor dentro e fora da sala de aula, da importância do ensino de Ciências para adolescentes e de como a formação crítica foi possível ao estagiar diferentes escolas, sobretudo uma escola da rede estadual de ensino, que preza pela autonomia do docente.

Palavras-chave: Formação de professores, Estágio, Docência, Reflexão, Teórico-prática.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Metodologia.....	11
Resultados e discussão.....	13
Considerações Finais.....	21
Referências.....	25

Introdução

Este trabalho monográfico, intitulado *Trajatória Formativa Docente a Partir do Estágio Supervisionado: Relato Reflexivo de uma Futura Professora de Ciências e Biologia*, fruto de minha experiência vivenciada durante a realização do meu estágio supervisionado curricular obrigatório, na área de Ciências Biológicas, procura narrar, problematizar e discutir questões vivenciadas que proporcionem a reflexão sobre caminhos de um processo formativo de docentes, balizado em Pedagogias Críticas.

Segundo Pimenta e Lima (2006, p.5), *“o estágio não é percebido como um apêndice curricular, mas um instrumento pedagógico que contribui para a superação da dicotomia teoria & prática.”*. É durante o estágio que se vivencia a docência dentro do ambiente escolar, seja ele dentro ou fora da sala de aula, em interação com a academia.

Para apresentar o tema pesquisado é necessário que se crie uma breve linha do tempo para o melhor entendimento de minha escolha pelo curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, como ferramenta para a constante construção e modificação da sociedade na qual estamos todas e todos inseridos.

Minha trajetória acadêmica começou quase dez anos antes: quando cursei um ano e meio de Pedagogia na UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) e 6 anos de Engenharia Florestal também na UFLA (Universidade Federal de Lavras). Ambos, apesar de parecerem distantes, foram determinantes para que eu percebesse que é possível mesclar Educação e Ciências da Natureza.

Durante a graduação em Engenharia Florestal, pude ter contato com a ABEEF (Associação dos Estudantes de Engenharia Florestal). Através dela entendi que há esforço da classe dominante (com a ajuda da mídia) em seguir inculcando no imaginário coletivo a necessidade do agronegócio da forma como é estabelecido, me levou a refletir e compreender o contexto social, político e econômico em que o campo e seus protagonistas estão inseridos e assim pude conhecer, ter contato com movimentos maravilhosos como o MST (Movimento dos Sem-Terra) e o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), derrubando preconceitos.

Embora esta experiência seja de uma riqueza imensurável e que me permitiu sentir parte da luta, ainda havia a sensação de não pertencimento à Engenharia Florestal. Durante o trajeto no curso, sempre fiz críticas a alguns procedimentos desta área, principalmente no que se refere

ao modo de lidar com as florestas nativas: minha constatação é de que ensina como destruir uma mata nativa, para reflorestá-la com Pinus e Eucalipto de forma mais rentável. Foi por me sentir perdida durante o desenrolar da graduação que fiz disciplinas eletivas do curso de Biologia e assim a Ecologia fez muito mais sentido para a minha forma de enxergar a vida. Entendi que há uma certa “ética” na Natureza, que ela é incrivelmente interligada e dependente de suas relações e, sem elas, seu equilíbrio inexistente. Esta percepção incitou a vontade de trocar o curso, de exercer algo ligado ao ensino (o que eu já fazia em duas escolas rurais de Coqueiral-MG e na Capoeira, na qual era monitora, ambos projetos de extensão), mas sem sair das ciências naturais, exercer o ato de lecionar de uma forma que relacione o ser humano com a sociedade no qual está inserido e seu papel cidadão, embora ainda não soubesse como fazê-lo.

Enfim decidi trocar meu curso para Ciências Biológicas e entrar em sua subdivisão que tange a educação. Após o resultado positivo do Sisu do primeiro semestre de 2016 e no terço final da minha segunda gravidez, houve o ingresso no curso de Ciências Biológicas - Licenciatura na UFLA. Estar discente de uma Universidade Federal finalmente fez sentido, pois caminhou junto com o despertar da maternidade e do entendimento do papel que se espera da mulher na sociedade. Em paralelo, o cenário político se mostrava cada vez mais tenebroso: iniciado com o golpe que retirou da presidência do país a primeira mulher eleita e que culminou com a perpetuação do pensamento conservador em nosso país. Decidi que como futura professora, procuraria educar para libertar e como bióloga, educar para que se possa entender e respeitar onde nos inserimos na sociedade e na natureza, uma vez que ambos são indissociáveis.

O curso de licenciatura nos exige que façamos quatro semestres de Estágio Supervisionado em escolas regulares e/ou outros espaços de educação não-formal (como APAE e museus), sendo os dois primeiros no Ensino Fundamental - Séries Finais e os dois últimos no Ensino Médio. Este é um dos períodos mais aguardados por nós estudantes, pois é quando podemos, de alguma forma, pôr à prova nossos conhecimentos adquiridos até aquele presente momento.

Cada estágio, além de nossa atuação na escola, consiste também em dois horários de aula (somando, em média, 1h40), realizados na própria Universidade com um professor que nos traz teorias crítico-reflexivas acerca da educação e todas as questões que por ela perpassam (como política, sucateamento do ensino público, leis, currículo, problemas sociais e possíveis soluções) para que se possa, através do ensino de ciências e biologia e de uma pedagogia ativa, refletir (e atuar ainda que de forma pontual por meio de regências) sobre a formação de

cidadãos capazes de enxergar, de se inserirem, de criticarem e de modificarem o mundo que os cerca.

Em meu trabalho procurarei, nas próximas partes, retornar na apresentação desses locais onde escolhi estagiar, porém com maior aprofundamento das reflexões que surgiram por meio de minhas vivências e com a transversalização de teóricos e conceitos que balizaram, e ainda balizam, minha prática pedagógica, tendo como eixo central Formação de Professores no Estágio e Teoria Crítica da Educação.

A escolha do tema deste TCC surge a partir do entendimento do quanto é necessário o estágio em docência na formação dos futuros professores e na desmistificação de concepções acerca desta prática comum às grades curriculares de Licenciatura, levantando questões sobre o tema atrelando a ela o estudo e discussões de pedagogias críticas, devido ao seu caráter social do fazer/ser educador. Assim, apoio-me no artigo das autoras Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima, intitulado “Estágio e Docência: diferentes concepções”, que traz de maneira sucinta e direta a preocupação com o exercício do estágio apenas como reprodução de modelos e com o romper do pensamento “na prática, a teoria é outra”, comum a nós, estudantes universitários.

As autoras trazem a argumentação de aliar a teoria à prática, pois partem da falta do sentido que os cursos de formação de professores possuem ao juntar diversas disciplinas que não conversam entre si, dissociando-as de suas origens e que assim “constituem apenas *saberes disciplinares*” (p. 6). Desta forma, ocorre o distanciamento da ação deste profissional no que tange sua ação na construção social e suas relações, bem como o *status quo* do conhecimento científico. Levantam que o estágio deve consistir em uma “atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade.” (p. 7) e que há alguns grupos que, de forma isolada, já praticam o estágio nessa conformação. É nesse contexto de “grupos isolados” que me vi contemplada, inserida e levada a entender, durante esses anos, o estágio para além da passividade do espectador: trazendo autocrítica à minha formação, à minha participação nas escolas e à minha docência.

Além do estudo acerca da prática do estágio, houve também a necessidade de me debruçar, ainda que inicialmente, sobre pedagogias críticas, uma vez que estas norteiam o meu fazer profissional exatamente porque problematizam o papel da docência em nosso país, incitando ao professor uma postura lúcida e crítica, no que tange o fazer diário de sua profissão.

O principal autor que utilizei neste estudo foi o “Patrono da Educação”, Paulo Freire. principalmente sua obra “A Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa.”. Aqui, trazendo uma visão geral, um dos objetivos de Freire é instigar a reflexão do docente sobre sua prática na sala de aula, para que assim torne-se um sujeito crítico, criativo, livre e capaz de tomar decisões justas e coerentes. O autor aponta também a necessidade de incentivar os estudantes a buscar o conhecimento, possibilitando um leque de novos conhecimentos. Através do uso do diálogo político-pedagógico é possível estreitar os laços entre docentes e discentes, além da adesão do olhar crítico sobre o conhecimento. Postula também que o professor é a via para que o estudante aprenda a pensar e raciocinar corretamente, que, para tal, deve-se manter ativo na busca a fim de construir e mitigar em seus alunos a criticidade, a autonomia e o ato reflexivo, estimulando a criatividade. além disso, Freire também nos leva a pensar acerca o quanto os professores são exemplos para seus estudantes e que, portanto, deve sempre buscar a honestidade de seus atos, o respeito ao próximo - sem juízo de valores, pois dessa maneira pode-se evitar a crescente do preconceito. Por fim, esta obra discute que o professor que foca somente na memorização conteudista não possibilita ao educando o entendimento da importância do processo de aprendizagem. Ademais, o educador deve se valer de estratégias para que possa, a partir da convivência, envolver o estudante sempre incentivando-o através do estímulo à curiosidade, troca de saberes, rigor e carinho. Então, é nessa perspectiva que me vi inserida, e, finalmente, convidada a pesquisar para que conseguisse vislumbrar a melhor forma de praticar minha docência. O caminho está bem no início, mas aqui foi o início, com embasamento teórico, da vontade de ser uma professora fora dos moldes do ensino tradicional.

Utilizei também Dermeval Saviani, com maior enfoque em sua obra “Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!”. Neste livro Saviani discorre acerca do problema recorrente nas escolas brasileiras que consiste no enorme número de crianças marginalizadas nas escolas, isto é, estão à margem do ensino uma vez que possuem déficits no decorrer de suas trajetórias escolar como o semianalfabetismo. O autor também traz dois grupos os quais pode-se classificar teorias educacionais e que ambos têm a intenção de explicar ao que se deve tal marginalidade, traçando um paralelo entre sociedade e educação. O primeiro grupo, que recebe o nome de “Teorias Não-Críticas”, enxerga a educação como forma de trazer equidade social superando, assim, a marginalidade. Em sua composição há a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tecnicista. Já em “Teorias Crítico-Reprodutivistas”, composta pela Teoria do Sistema de Ensino como

Violência Simbólica, Teoria da Escola como aparelho Ideológico do Estado e Teoria da Escola Dualista, há o entendimento da educação como forma de discriminação social, logo, fator marginalizante. Assim, Saviani traz as pedagogias críticas e que estas visam compreender a educação.

O autor também traz ao interlocutor, após um diagnóstico, que tanto “Teorias Não-Críticas” quanto “Teorias Crítico-Reprodutivistas” possuem suas contribuições ao ensino, bem como suas limitações e que a função de uma teoria crítica, desde que não seja reprodutivista, é a superação da característica ilusória das teorias não-críticas e da impotência que se percebe nas teorias crítico-reprodutivistas, alertando para que não se caia na dicotomia presente no pensamento em que as novas pedagogias possuem somente coisas boas, enquanto que as tradicionais detêm apenas defeitos.

Por fim, o autor trata da relação entre educação e política e as traz como práticas que necessitam diferenciação devido aos objetivos de cada uma, em que a educação, ao contrário da política, visa o convencimento e não a vitória. Então não se deve confundi-las, uma vez que têm as características que lhes são peculiares e que confundi-las mesclaria uma à outra. Postula também que este panorama ajuda em diversas análises como as relações existentes entre educação e religião, educação e arte, educação e ciência.

Metodologia

Baseado no modo como estou conduzindo a apresentação deste TCC, entregarei relato de minhas experiências coletadas pelo diário de campo, relatórios e observações feitas em cada um dos quatro estágios, que foram realizados em escolas de dois sistemas educacionais quase antagônicos: o Público e o Privado. Concomitantemente houve a frequência nas aulas de estágio na UFLA, com os professores nos apresentando a parte teórica a fim de levantar questionamentos sobre educação, estágio e formação docente.

As aulas de Estágio I, II, III e IV, ministradas na UFLA semestralmente, contam cada uma com dois créditos por semana, isto é, cada encontro possui 1h40 utilizados para troca e discussão de textos que trazem reflexões mais substanciais acerca da educação, a importância da criticidade na prática docente, a necessidade de voltar o olhar e a prática para o Ensino Público e nossos desafios enquanto futuros professores de Ciências e Biologia. Além disso, cada semestre conta com uma carga horária específica nas escolas, sendo que estas horas presenciais na instituição não são somente para observação do trabalho do professor supervisor ministrando sua aula, mas para serem distribuídas também em docência, desenvolvimento de projetos, aplicação de provas, interação com os estudantes de outras turmas e séries, entrosamento com secretaria, refeitório, biblioteca, sala de professores e espaços outros que compõem a Escola.

A metodologia qualitativa nos ajudará a avaliar a atuação nessas instituições, refletindo sobre esses sistemas educacionais, suas contradições e, ao mesmo tempo, realizando uma crítica, nos possibilitando perspectivar uma análise da Educação Básica e em ações pedagógicas futuras. Este formato de pesquisa não se preocupa com a quantificação numérica de um dado fenômeno, mas sim com a análise e a compreensão crítica de um processo, trajetória formativa na relação com diferentes personagens e de uma instituição social, a escola.

O exercício de retomar a trajetória, na relação com diferentes sujeitos, principalmente estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio, entendo, é essencial na luta por uma educação mais horizontal e que proporcione maior consciência dos futuros professores enquanto profissionais e cidadãos.

Os pesquisadores que se utilizam da abordagem qualitativa defendem diversos modelos adequados a cada ciência, considerando que as Ciências Humanas e Sociais têm sua especificidade, demandando uma metodologia própria. Assim, compreendemos a metodologia qualitativa como um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, no caso deste TCC, minha formação como professora da Educação Básica (BROSE, 2001). Para John Dewey (2023), o ato reflexivo implica não só trabalharmos sobre aquilo que já sabemos acerca de nosso cotidiano, mas também acrescentar novas informações para que realizemos uma análise mais intensa e com uma determinada finalidade. Logo, a investigação se caracteriza como uma reflexão na ação ao invés da reflexão sobre a ação. Tal método busca, em ato, superar os enfrentamentos das práticas diárias.

Resultados e discussão

Do início da graduação em Ciências Biológicas até o primeiro estágio foram três anos de reorganização de vida e aprendizado de novos conteúdos. Em março de 2019 iniciou-se o Estágio I. Apenas pela forma com que a docente organiza as carteiras (dispostas em círculo), de incitar debates abertos com a turma e por usar espaços fora da sala de aula, pude perceber que não se tratava de uma aula comum, com métodos puramente tradicionais, situação rara de experienciar na Academia, sobretudo na UFLA.

A professora nos trouxe textos com a finalidade de analisarmos criticamente a nossa formação docente para que assim pudéssemos nos preparar para o estágio nas escolas, sendo que as mais recomendadas para nossos trabalhos e vivências eram as escolas públicas, dado o compromisso social assumido pela professora e pelo setor de Educação Científica e Ambiental da UFLA. Contudo, havia a possibilidade também de realizar parte dos estágios nas escolas privadas. Dentre estas apresentadas, uma delas me chamou mais a atenção, pois outras mães sempre me disseram que sua metodologia tinha muito a ver com a minha forma de criar meus filhos: livre, ativa e através do despertar para um olhar curioso acerca do mundo. Assim, esta foi por mim escolhida, na qual estagiei nas turmas do sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental e segundo ano do Ensino Médio.

Tal instituição, que até possui uma forma carinhosa de ser chamada, a metodologia empregada é a Pedagogia Construtivista. Segundo Maria Da Graça C. Bregunci (2009), o Construtivismo é uma vertente que se efetua na interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento e historicamente. Suas bases pedagógicas se iniciaram no começo do século XX com Piaget trazem consigo práticas como a contextualização do objeto de ensino com a realidade sociocultural dos discentes, aulas não expositivas, métodos avaliativos mais livres e a convocação da responsabilidade do estudante com o ambiente escolar. No entanto, esta vertente pedagógica privilegia a atividade comportamental. Os estudantes são estimulados a estarem sempre ativos na resolução de problemas, a buscarem soluções, a procurar e construir materiais, a interagirem enquanto grupo, dentre outras práticas. A atividade comportamental pode ocorrer, entretanto, à margem da atividade cognitiva e isto pode resultar em prejuízo da aprendizagem. Nos dias atuais, após estudos teóricos-reflexivos e vivências variadas, consigo fazer um prelúdio analítico acerca de possíveis problemas que há 4 anos, quando iniciei, não o poderia.

O primeiro dia do estágio na referida escola, como não poderia ser diferente, foi um misto de empolgação e nervosismo, sentimento esse último que logo se esvaiu diante do encantamento por adentrar em um colégio repleto de árvores frutíferas, brinquedos, horta, crianças e adolescentes felizes, algo tão difícil de observar nos alunos de outras escolas particulares de Lavras com as quais eu tive contato e da receptividade do professor supervisor, a quem os estudantes possuem muito apreço.

A primeira pergunta que fiz a ele foi se as crianças tinham livre acesso ao parquinho e se poderiam subir nas árvores, a qual foi prontamente respondida que sim: podiam e eram incentivadas a fazê-lo. A partir desse diálogo, o supervisor me instruiu sobre a forma como as aulas e avaliações funcionavam: completamente diferentes das aulas de escolas regulares. As salas de aula não têm a conformação de igrejas, isto é, uma pessoa na frente, detentora do conhecimento, ministrando a aula para outras tantas pessoas que não fazem ideia do conteúdo, mas sim uma grande mesa para todos os estudantes sentarem-se juntos (ALMEIDA, 2018). A troca do conteúdo entre os estudantes e o facilitador deve ocorrer da forma menos expositiva possível e sempre incentivando a participação ativa na construção do conceito.

Menos de um mês após o início do estágio, precisei me afastar de absolutamente todas as minhas atividades na escola e na UFLA devido à depressão e síndrome do pânico, que me impossibilitaram de sair de casa e estar sozinha sem a tutela de outro adulto. Como consequência deste fato, assim que retornei às minhas atividades na escola, achei que havia cometido uma falha irreparável com a escola e que seria muito julgada e apontada como incapaz. Contudo, os docentes e o corpo administrativo se mostraram muito compreensivos e acolhedores, ajudando no que fosse necessário dentro e fora de sala.

Neste retorno, para compensar o tempo em que estive afastada, foi urgente que eu cumprisse a carga horária na escola (que consta na grade curricular do estágio na Universidade), visto que devemos ministrar dois horários como titulares do conteúdo programático vigente naquela determinada fase do semestre. Sem saber muito “o que” e “como” fazer, apliquei o conteúdo Briófitas e Pteridófitas levando os estudantes para o pátio e mostrando-lhes tais grupos de vegetais, como identificá-los e como ocorre sua reprodução. Porém o retorno dado pelo professor supervisor não foi positivo: mesmo do lado de fora, as aulas haviam sido expositivas, a turma do sétimo ano do fundamental ficou mais dispersa que o natural e, como consequência, o conteúdo não foi assimilado como poderia. De certa forma, ao receber esse *feedback*, não fiquei surpresa porque senti, tão logo finalizada a aula, que poderia ter sido

muito melhor do que o que foi programado. Me questionei por que, mesmo levando-os para a área externa e apresentando as plantas reais e em seu habitat, mantive o vício de aplicar aula expositiva.

A resposta só viria no semestre seguinte, com estudo de novos textos acerca da prática do estágio nos cursos de Licenciatura. É um vício este que muitos de nós carregamos, uma vez que somos educados, desde o primeiro ano do Ensino Fundamental, de uma forma em que somente o professor domina e repassa o conteúdo na frente da sala e o estudante, como se fosse um saco vazio esperando ser preenchido, apenas copia e reproduz em cadernos e provas tudo o que decorou. Mesmo com o acompanhamento do supervisor e as discussões já feitas, ainda predominou, no momento de minha regência, uma prática enraizada há muitos anos durante minha formação. Como Pimenta e Lima (2006, p.6) bem descreveram em

(...) está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática.

As autoras também problematizam que a formação de professores acaba por reduzir a docência a uma prática bem sucedida somente quando há uma reprodução mais fiel possível dos modelos observados e do conteúdo acumulado (2006, p.8)

A prática como imitação de modelos tem sido denominada por alguns autores de 'artesanal', caracterizando o modo tradicional da atuação docente, ainda presente em nossos dias. O pressuposto dessa concepção é o de que a realidade do ensino é imutável e os alunos que frequentam a escola também o são. Idealmente concebidos, à escola, competiria ensiná-los, segundo a tradição.

Este comportamento é reforçado por tantos anos (desde a infância até a fase adulta) que até os próprios estudantes universitários têm dificuldade em aceitar aulas fora do padrão. Logo, percebo que as aulas expositivas no ambiente universitário também são sistêmicas tanto no Bacharelado quanto na Licenciatura. Em quase toda a graduação, temos contato apenas com aulas tradicionais, as quais não há o menor incentivo para a participação ativa do estudante na construção do conhecimento e nem em trocá-lo dentro da sala de aula.

Durante toda a graduação só tive contato com aulas teóricas, para além das tradicionais, com dois professores: uma dos estágios I, II e III, e um de Metodologia do Ensino de Ciências e Metodologia do Ensino de Biologia. Apesar de terem sido somente cinco disciplinas, foi nelas que pude conhecer formas alternativas de lecionar: um contraponto para as matérias puramente conteudistas que participei de forma automatizada semestre a semestre. Assim, ao voltar o olhar crítico para a minha prática, percebi o quanto a forma tradicional de dar aula

ainda se encontra arraigada em mim, necessitando de constante vigilância e escolha diária para quebrar este paradigma.

O estágio II foi um prolongamento do primeiro, uma vez que continuei na mesma escola, nas mesmas turmas e com o mesmo supervisor. Contudo, procurei interagir melhor com os estudantes (sobretudo os de outros anos), sanar dúvidas acerca de assuntos mais delicados como aborto, sexualidade e gênero. Tal mudança de conduta se deve tanto à delicadeza e acolhimento que obtive por todos da instituição, tão pronto expus abertamente minha condição, bem como à melhora gradual do meu quadro mediante ao tratamento psicológico e psiquiátrico. Como resultado, fui capaz de ministrar quatro aulas (duas no sétimo ano do EF, sobre anfíbios, e duas no nono ano do EF, sobre os Sistemas Muscular e Esquelético) e que considerei ter alcançado o objetivo: construir junto com os estudantes conceitos sobre o conteúdo sem dúvidas, de forma didática e divertida.

Durante o mesmo período, nas aulas realizadas na UFLA, além dos estudos teóricos com relação à prática do estágio nos cursos de Licenciatura, nos preparamos também para atuar numa peça de teatro produzida por nós mesmos. Em conjunto, pensamos no tema, elaboramos o roteiro, distribuimos os papéis de atuação, pensamos no cenário, figurino e sonoplastia. Realizamos oficinas preparatórias (elaboradas por um dos estudantes, que estudava também teatro) e ensaios para que finalmente pudéssemos apresentar para os estudantes dos quatro estágios.

A peça trazia duas personagens centrais: a Escola (personagem esta que tive a honra de vivenciar) e uma Estudante (interpretada por uma colega de sala). Casando o real e o fantástico, a história retrata uma metáfora a respeito da relação dos discentes com a Escola, como Ela é vista, tratada (seja com carinho, seja com rechaço) e o que Ela significou para aquela estudante na sua formação com ser humano. Foi uma emoção imensurável subir ao palco, mesmo que de forma amadora, com amigos, trazer vida à Escola e ter meus filhos fazendo uma participação final como os filhos da Estudante já adulta, quando esta retorna ao ambiente escolar.

Muitos elementos foram significativos para mim nesse primeiro ano de estágio: experienciar uma atividade lúdica na Universidade, viver o acolhimento humano em um momento de extrema fragilidade e o início da prática docente de forma autocrítica. Estes aprendizados pretendo carregar comigo na vida profissional.

Iniciei o estágio III, finalmente, em uma Escola Estadual, como recomendado pela orientadora de estágio, no entanto não houve contato com a sala de aula e nem com os alunos devido ao isolamento social necessário por causa da Pandemia do Covid-19. Contudo, do meio para o fim do estágio, foi possibilitada certa abertura e retomada de relações, desde de que forma bem cautelosa. As escolas do estado faziam revezamento entre alunos, numa semana parte da turma frequentava a escola, enquanto a outra estudava em casa de forma remota e assim iam revezando. Neste contexto, as escolas ainda não estavam abertas aos estagiários/as. Assim, foi proposta pela Professora a elaboração de um mapeamento socioambiental, cujo cerne foi construído por nós estudantes, durante as aulas do estágio na UFLA. Seu objetivo era levantar e discutir toda a complexidade das relações sociais do entorno e da comunidade escolar, de forma a promover o pensar de conceitos e a construção de conhecimentos e valores capazes de contribuir para a transformação de práticas educacionais. A Escola Estadual I, como chamarei para diferenciá-la, traz consigo ampla diversidade e conflitos entre culturas, religiões e classes econômicas, fatores estes que interferem diretamente no ensino e aprendizagem, uma vez que a realidade de cada estudante modifica e enriquece o conteúdo para além do livro didático. Inclusive, é possível perceber um olhar para esta necessidade no PCN, quando redige que o professor de biologia deve “*Dominar conhecimentos biológicos para compreender os debates contemporâneos e deles participar.*” (MEC, 2023).

Para a construção da pesquisa no entorno desta escola parceira, nos debruçamos sobre elementos da pesquisa em educação. A discente nos orientou na construção de um roteiro de entrevista a ser realizado com moradores e líderes comunitários que se dispusessem a respondê-la da região como na Associação de bairro, UBS (Unidade Básica de Saúde) e moradores. Por fim, o mais relevante de todo este trabalho foi entender como se faz importante o olhar curioso e empático para o local onde a escola está inserida. Acredito que estávamos todas e todos muito abalados ainda com os efeitos da Pandemia, não conseguindo atingir os objetivos finais, porém foi como nos recalibrar nas atividades para além do computador e do EAD.

Em 2022/1 iniciei o estágio IV, já com as escolas funcionando normalmente, com um novo professor, na Escola Estadual II, por sugestão de minha orientadora. Tendo em vista nosso contexto político mais conservador era de suma importância para minha formação acadêmica conhecer e estagiar em uma escola que possuísse direção mais progressista e uma professora supervisora alinhada com uma educação libertadora, sobretudo porque esta orientação da direção era mais alinhada com meu viés político. Tal experiência foi, ao mesmo tempo,

desestabilizadora e reestruturante. Primeiro porque finalmente pude experienciar a prática de uma aula não expositiva, situação que eu jamais pude imaginar que daria certo numa escola pública regular, acredito eu que por puro preconceito. E segundo porque foi através dessa vivência, que eu me encontrei definitivamente dentro da licenciatura. Minha supervisora, professora regente das turmas que acompanhei (dois primeiros anos do Ensino Médio Integral), foi responsável por esta inspiração, uma vez que observei o quanto os estudantes a respeitavam não por medos diversos, mas sim porque ela conseguia acessá-los através do carinho, diálogo aberto e horizontalidade no ambiente escolar.

As aulas eram múltiplas e transitavam entre sala e laboratório. Poderiam ser textos com questões, cruzadinhas, uso de aplicativos que traziam interatividade entre estudantes e conteúdo, dentre outras formas. A aula que mais me chamou atenção foi a que a supervisora trouxe um coração bovino para lecionar acerca do Sistema Cardiovascular: com o uso de luvas cirúrgicas abriu o órgão mostrando as quatro cavidades, átrios, ventrículos, musculatura; incitando os estudantes a manuseá-lo e entender sua complexidade. Tornou um conteúdo tão abstrato, como é tratado de forma geral, em algo palpável e “extremamente interessante”, de acordo com alguns estudantes. Vivenciei a construção de uma habilidade de forma coletiva e orientada. Percebi que mesmo tendo sido aluna de escola particular com muitos recursos (os possíveis existentes no início dos anos 2000), nunca havia presenciado a entrega de um conteúdo e de seu professor de forma sublime como esta, me levando a ponderar que o jeito com qual um professor ministra seu conteúdo não depende exclusivamente da Escola, mas da prática e de seu compromisso com o que ela considera importante para a formação de seus estudantes, assim como Freire escreve em

É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. (1996, p.57)

Em uma das aulas em que eu teria que ministrar, houve o questionamento acerca das eleições presidenciais de 2022. À época, fosse na fila do banco, na internet ou em uma mesa de bar, nós brasileiros nos víamos sempre dentro de um “debate leigo” que perpassava pela dicotomia “conservadorismo x progressismo”. Esta não era a temática da aula, no entanto foi precisamente o dia em que a UFLA ameaçava suspender as aulas devido à falta de verba (que deveria ser repassada pelo governo federal à época) e, posteriormente, a partir da fala de uma

estudante à respeito da defesa da (instituição) família é que me senti no dever de dialogar e debater com os estudantes, colocar meus pontos e contrapontos acerca dos assuntos questionados, o que aconteceu de forma livre, sem a interdição da Supervisora.

Discutimos o papel das Universidades públicas (principalmente no tange a ciência), a importância do SUS na prevenção e tratamento de ISTs, tratamentos de alta complexidade, acesso à fármacos e vacinas, entre outros (Ministério da Saúde, 2009), na necessidade do estudo de gênero e sexualidade, como vê-se em

A educação é apontada como um dos eixos centrais na promoção da equidade entre os gêneros e do respeito à diversidade sexual. Portanto, as políticas e instituições educacionais têm sido território de disputa de agendas progressistas, que buscam uma educação inclusiva, antidiscriminatória, plural e laica, e de agendas ultraconservadoras, de matriz religiosa e contrária aos direitos humanos, que vêm ganhando cada vez mais espaço no cenário educacional nacional. (ARAÚJO, FERREIRA, SILVA, 2020, p.429).

Falei também sobre a diferença política e social entre o agronegócio e a agricultura popular e a quem cada um serve:

Enquanto que no agronegócio as pessoas e a natureza se transformam em mercadorias e se realiza a partir da exploração do trabalho assalariado e do controle político do mercado. Já a agricultura familiar faz o movimento contrário quando constrói relação de equilíbrio com a natureza, fruto de sua prática da policultura orgânica e a produção de alimentos como requisito principal, visa a transformação da natureza (COSTA, 2017, p.1)

Expliquei que a maioria de nós ali presente, bem como enorme parcela da população brasileira, não têm condições financeiras de arcar financeiramente com saúde, Educação Básica e Superior. Que é um direito nosso e também um dever do Estado, assegurado por Lei, de promover acesso à saúde e à educação gratuitas e de qualidade, que são requisitos básicos que garantem nossa dignidade enquanto seres humanos. Explanei também que há um “projeto”, junto a grandes corporações ligadas à saúde e à educação, de limitação a esse acesso e que visa o aumento da desigualdade social e a manutenção da classe econômica vigente. Infelizmente não houve tempo hábil para explicar as balizas do Capitalismo, no entanto fica como autocrítica para um debate futuro, quando eu for professora titular. Ao final do horário era perceptível um “ar questionador” em alguns dos adolescentes ali presentes, sendo que uma em específico, que pretende cursar Agronomia na UFPA, veio até mim, no intervalo, para aprofundarmos o assunto.

Então, ao tentar despertar nos estudantes a importância de políticas públicas em saúde, educação e meio ambiente, finalmente entendi, de maneira mais profunda, o que é a Educação Ambiental na prática da docência: perceber e assumir o compromisso com mudança de valores e comportamentos através do olhar crítico, levando em consideração a diversidade étnica, biológica, religiosa e cultural, estreitando laços entre nós humanos e com o ambiente no qual estão em construção ou estabelecidas as relações de interação com o natural e o social.

Em quatro semestres de estágio houve diversas intercorrências pessoais, estudantis e profissionais. Delas, inúmeras vivências e aprendizados constantes e sobrepostos, culminando em uma reflexão mais palpável sobre a profissional que almejo ser: enquanto estudante de Universidade Federal, entendo o dever de reverter o dinheiro público investido em minha formação para a própria educação pública; enquanto educadora, procurar sempre estar alinhada com as diversas formas de lecionar, para além da tradicional, uma vez que é de extrema importância que a prática pedagógica incite o olhar crítico para o mundo; e, enquanto pessoa, tentar manter um olhar humano e empático para com todas e todos inseridos no contexto escolar (cozinheiras, faxineiras, estudantes, docentes e corpo administrativo).

Jamais minimizando o quanto rica foi a experiência em uma escola particular, mas a verdade é que tal entendimento só se tornou possível no contexto de uma escola pública, pois esta permite o alinhamento com o ensino laico e assegura a autonomia da prática docente. Ali pude experimentar o protagonismo, enquanto futura licenciada, na construção do saber e na criação de possibilidades para que isto possa de fato acontecer (FREIRE, 1996). Foi plantada a semente que me estimula a querer levar mais longe o conhecimento coletivo maximizando as oportunidades, e, quem sabe, reconstruir nossas instituições.

Considerações Finais

Ao iniciar este relato de experiência revisitei toda a trajetória ao longo dos quatro estágios que compõem a grade curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, porém com o intuito de analisar de forma crítico-reflexiva como e quanto o estágio pode agregar na formação de futuros professores, quando é exercido pautado na visão teórico-prática, retirando o licenciando do papel da passividade de um mero espectador nas escolas nas quais estiver intercambiando, colocando intenção no entendimento do dever do professor de Ciências e Biologia, aceitando que possui papel cidadão em seu exercício uma vez que este extrapola as paredes e janelas da sala de aula e de como a formação crítica só se torna possível ao estagiar em escolas diversas ao longo dos semestres, principalmente em uma escola da Rede Estadual de Ensino que respeita e incentiva a autonomia do docente.

Assim, finalizados os quatro estágios, percebi o quanto havia amadurecido minha prática e o quanto o estudo teórico foi de suma importância para que eu compreendesse meu papel de estagiária e de futura professora. Pude finalmente entender, após as vivências nas escolas e na Universidade, que nós, futuros professores, temos o dever cidadão de atuar para além do conteúdo programático: necessitamos trabalhar o conteúdo sem desvincunlá-lo da realidade de nossos interlocutores .

Uma vez que um colégio particular pode exercer sua linha pedagógica de forma mais veemente (como a religião que professa, se for o caso, o viés conteudista com enfoque no ENEM, entre outros), seu corpo docente leciona direcionado a uma demanda de quem a consome: os pais/responsáveis pelos estudantes e a classe social majoritária que integra a instituição. Logo, o professor acaba por ter a sua prática engessada àquela ideologia e desta forma o ensino privado tende a reforçar o sistema classicista. Então percebo que o Ensino Público, desde que alinhado com o que diz o MEC, funciona melhor para a formação cidadã se estendendo à autonomia do educador dentro dele, autonomia esta que pude experimentar ao estagiar na Escola Estadual II, já que era corroborada pela direção vigente e, sobretudo, praticada pela Professora Supervisora. Aqui vemos a importância da escola gratuita, laica e de qualidade, permitindo a todas e todos acesso à educação, à alimentação e que incentive o fazer emancipatório do professor, conferindo-lhe maior liberdade e abrangência político-social com a finalidade de levar às gerações futuras tudo o que foi apreendido previamente trazendo também práticas e valores condizentes com nossa cidadania (GATTI,

2020). Devemos procurar sempre nos pautar numa educação popular, como escreveu Paulo Freire em

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. (1991, p. 16)

Neste ano de 2023 tive o privilégio de atuar como professora substituta no Ensino Fundamental - séries finais, Médio e EJA, na Escola Estadual III, localizada em um município do sul de Minas. Pude finalmente pôr em prática os anos de estudo teórico, típico da grade curricular, juntamente com tudo o que aprendi nos dois anos de estágio. Apesar de ser uma instituição cuja direção é conservadora (a ponto de rezar uma oração cristã e cantar o Hino Nacional diariamente antes do início da aula), devido à autonomia assegurada por lei e meu compromisso com uma educação cidadã, pude ministrar minhas aulas para além de apenas transmitir o conteúdo. Interagi de maneira livre, discutindo temas transversais e criando laços afetivos com os estudantes, laços esses que ainda perduram.

Por fim, pude constatar que a necessidade do estágio na formação docente, que alinhe a teoria à prática, não é mostrar como será a realidade de forma fidedigna, como nós graduandos pensamos previamente. Cada vivência é única, cada escola é única e cada contexto é único. A intenção é formar futuros professores conscientes de que seu ofício não se reduz à mera reprodução de conteúdo, que compreendam a profundidade das ações das instituições e de seus profissionais a fim de se prepararem para a vida profissional através desta atividade (PIMENTA e LIMA, 2006) e que se permitam e entendam a necessidade de estar na incessante tentativa de formar, nas escolas, cidadãos conscientes e críticos da realidade que os cerca.

Bumerangue é o efeito
O que for daquela forma, retorna com a mesma intensidade,
De modo perfeito
Daquele mesmo jeito
Ação e reação
Tipo João bobo, tipo saco de boxe
O famoso e laureado V. V. (vai e volta)
Tipo engravatado laráprio que rouba muito mas não vive sem escolta
Não é punição, não é castigo, meu amigo
Não é maldição nem profecia, minha tia
É só a lei
Desde os tempos em que os tempos não eram contados,
Já disse rei dos reis
Preste atenção, analise, não é difícil
(Tudo é vai e volta)
Ação, palavra, pensamento, atitude
(Tudo é vai e volta)
Metafisicamente, sub-atômicamente falando
(Tudo é vai e volta)
Tem resposta pra fazer, tem que ter resposta pra aturar
(Tudo é vai e volta)
"Faça como os outros apenas aquilo que gostaria que fizessem contigo"
Esse sábio é mais do que batido, antigo, dito popular
Base de quase todas as religiões
Bastante difundido, porém pouco praticado e seguido
Guarda em si um grande segredo, uma constatação:
Agressão ao próprio irmão é como dar um tiro no próprio pé,

(Ou no próprio umbigo), eu digo

Pois, por incriença que parível, não há separação, não há inimigo

E sim, a ignorância aguda, falta de aprendizado e só

Pois somos literalmente parte do mesmo organismo

Como já disse Cristo, a filosofia oriental, o tao, e a física quântica

Esse sim o caminho, o caminho pelo qual o racional cartesiano e o espiritual finalmente se encontram

Preste atenção, analise não é difícil

(Tudo é vai e volta)

Ação, palavra, pensamento, atitude

(Tudo é vai e volta)

Metafisicamente, sub-atômicamente

(Tudo é vai e volta),

Tem resposta pra fazer, tem que ter resposta pra aturar,

(Tudo é vai e volta)

Lucro abissal, frescura é ligar pra detonação ambiental

(Tudo é vai e volta)

Seu pulmão no limite, inverno moderno beira os 40 graus

(Tudo é vai e volta)

Não divida o bolo, e veja crescer à sua volta o caos

(Tudo é vai e volta)

Negatividade, positividade: o seletor é você

(Tudo é vai e volta)

(VV, BNegão e os Seletores de Frequência)

Referências

- ALMEIDA, Vasni (org). História da educação e métodos de aprendizagem em ensino de história. Palmas: EDUFT, 2018.
- ARAÚJO, Mariana de Sousa, FERREIRA, Alessandra Pavolin Pissolati, SILVA, Luciana Aparecida Siqueira. Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio - ISSN: 1982-1867 - vol. 13, n. 2, p. 426-444, 2020
- MEC/BRASIL. PCN + Ensino Médio, Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasília, 2023.
- BRASIL/Ministério da Saúde. O SUS de A a Z : garantindo saúde nos municípios / Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. – 3. ed. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2009.
- BREGUNCI, Maria das G.C. Construtivismo: grandes e pequenas dúvidas. Belo Horizonte: Autêntica Editora; CEALE, 2009 (Coleção Alfabetização e letramento na sala de aula).
- BROSE, M. Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.
- COSTA, Conceição de Maria Sousa Batista. **Agronegócio e Agricultura Familiar**: Modelos Agrícolas de Desenvolvimento que se Contrapõe. In: VIII Jornada Internacional Políticas Públicas: 1917-2017 - Um Século de Reforma e Revolução. São Luís, UFMA. v. 22 (2008): NÚMERO ESPECIAL DA VIII JOINPP, 2008, p.1-13.
- DEWEY, Jonh. Experiência e educação. Petrópolis: Vozes, 2023.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas a outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez; 1991.
- GATTI, Bernardette A. Formação de Professores no Brasil: Características e Problemas. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010

PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria Socorro L. Estágio e Docência. São Paulo. Cortez Editora. 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores**: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. In: Revista Brasileira de Educação, revista brasileira de educação, v. 14 n. 40, janeiro/abril 2009, p.143-155.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política! 32. ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

